

Funai quer PM fora de área em litígio

Policiais guardam fazenda ocupada por índios, acusados de abater gado da propriedade

A Fundação Nacional do Índio (Funai) deve entregar, em audiência, hoje um requerimento ao juiz Adenir Pereira da Silva, da 2ª vara federal, solicitando que um grupo de cinco homens da Polícia Militar se afaste da área ocupada por 250 índios guaranis/caiua, na Fazenda Nhu-Guassu, localizada no município de Coronel Sapucaia. A propriedade está em litígio no Supremo Tribunal Federal (STF). É que uma área de cerca de nove mil hectares foi demarcada e homologada pelo Governo federal como a reserva indígena de Sete Cerro dentro da fazenda, mas a dona do imóvel, a Agropecuária Sattin não abre mão da propriedade. Têm ocorrido conflitos entre os índios e a PM.

Como os índios ocuparam a área de nove mil hectares, ainda no mês de novembro, local onde vivem pelo menos oito mil cabeças de gado, a Justiça Federal de Mato Grosso do Sul determinou que a PM ficasse no local para facilitar a entrada dos funcionários da fazenda na área dos índios, a fim de que o gado recebesse tratamento.

O major PM Nabuco, comandante do Batalhão da Polícia Militar em Ponta Porá, informou que os índios estão abaten-



Representantes da Funai e o capitão Carlinhos devem se reunir hoje com o juiz federal

do reses dentro da área. O administrador regional da Funai, Virgílio Clemente, afirma que isso não está ocorrendo, mas, que pelo contrário, a PM está interferindo na área, revistando os índios para saber se eles estão armados e humilhando os guaranis.

Diante da situação, a Funai vai pedir que os homens da PM deixem o local, alegando que não há necessidade de interven-

ção da polícia na fazenda. Segundo o administrador, os índios estão permitindo que os funcionários da fazenda entrem normalmente na área para cuidar do gado.

O capitão Carlinhos Valiente, líder dos guaranis na reserva de Sete Cerros, disse que os índios da comunidade não estão abatendo o gado. Mas, que esses animais entram nas roças

destruindo as plantações cultivadas por eles.

A ocupação dos índios na área ocorreu após a visita do procurador geral da República, Aristides Junqueira. A Justiça Federal chegou a determinar o despejo dos índios, mas o STF resolveu deixar os guaranis na fazenda até que seja decidido quem ficará realmente com a propriedade: se os índios ou a Agropecuária Sattin.

Equipe investigará suicídios

Dourados (Da Sucursal) — A presidência da Fundação Nacional de Índio (Funai), em Brasília, deverá enviar para Dourados uma equipe de especialistas, entre eles, um antropólogo para estudar, mais uma vez, os casos de suicídios de índios na reserva de Dourados.

Este ano ocorreram sete mortes até agora por enforcamento e envenenamento. Mas, o problema não é restrito a esse município. Nas aldeias de Caarapó e Douradina (Panambizinho) foram registrados suicídios nas últimas semanas. Apesar desse problema estar sendo estudado há mais de dez anos, as mortes têm acontecido e muitas causas são apontadas para explicar esses atos, entre eles, choque cultural, desavenças familiares, alcoolismo e pobreza.

Na reserva local moram hoje perto de dez mil indígenas, de acordo com o censo mais recente, que dividem em torno de três mil hectares de terras férteis. As tentativas de exploração econômica dos lotes têm apresentado resultado desanimador, porque a ajuda da Funai e de outros órgãos oficiais não tem continuidade, causando a suspensão do plantio.

Muitas famílias — maiores proprietárias — acabam arrendando as terras para agricultores

brancos, outros praticam cultura de subsistência, plantando mandioca, abóbora, batata-doce e outros produtos que não exigem cuidados especiais. Apenas uma pequena parcela realiza o cultivo de milho e soja em escala comercial.

Há quatro anos, quando os suicídios se tornaram mais frequentes em Dourados, a Funai enviou uma antropóloga para analisar o caso. Uma semana de pajelância foi feita por líderes religiosos vindos do Paraguai para espantar os maus espíritos que estariam interferindo na vida da comunidade. As mortes pararam de ocorrer, mas por um tempo curto.

Segundo lideranças indígenas da reserva, o maior problema das famílias é o extremo estado de pobreza que acaba induzindo os índios, geralmente jovens, a cometer o suicídio. A falta de perspectivas de vida, alcoolismo e as brigas acabam levando-os à morte, geralmente por enforcamento.

A presença de antropólogos e outros estudiosos da Funai é vista com reserva pelos líderes mais aculturados dos kaiowá-nhande-ve. Para eles, enquanto persistir a falta de assistência e apoio para que as famílias tenham uma vida digna, dificilmente os suicídios acabarão. A Funai só não tem ainda a data da vinda da equipe à reserva.